



Leituras literárias, as representações afro-brasileiras e a Escola

Deise Santos do Nascimento¹

Resumo: A presente discussão tem como objetivo tratar de uma possibilidade de ter a temática afro-brasileira, na sala de aula, a partir de um trabalho desenvolvido com os textos literários, a exemplo da obra *O Cortiço*, Aluísio Azevedo (1884). Dessa forma, faremos uso, primeiramente, de um debate que localize o conceito acerca do que representa a literatura afro-brasileira, a partir de estudos que partem de Duarte (2011) e Bernd (1987); seguido do tratar da leitura literária na escola por meio do modelo cultural de leitura, proposto por Gomes (2014).

Palavras-chave: Leitura; Escola; Leitor; Identidade; Recepção.

Abstract: The present discussion aims to deal with the possibility of having the Afro-Brazilian theme in the classroom, based on a work developed with literary texts, such as *O Cortiço*, Aluísio Azevedo (1884). In this way, we will first use a debate that locates the concept about what Afro-Brazilian literature represents, based on studies starting from Duarte (2011) and Bernd (1987); Followed by the treatment of literary reading in the school through the cultural model of reading, proposed by Gomes (2014).

Abstract: Reading; School; Reader; Identity; Reception.

Recebido em: 30/03/17

Aprovado em: 01/08/17

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (PROFLETRAS/UFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8317705134151835>. E-mail: dede.lettras@yahoo.com.br



1. O lugar da literatura Afro- brasileira na escola

A partir do que se propõe por meio da lei 10.639/03, a qual discorre sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica do país, suscitar sobre o debate acerca das questões étnico – raciais nas escolas é algo que vem se tornando palco de muita discussão entre a sociedade, comunidade escolar e organizações de luta, já que até então, não se tem delimitado ao certo sobre como levantar tal questão entre os alunos, de maneira que seja possível desenvolver a criticidade, divulgar os aspectos históricos e culturais de maneira que se preserve e reconheça sua importância para o desenvolvimento de uma nação.

Nessa perspectiva, observa-se que o tratar das relações étnico-raciais de forma ética, desde os bancos escolares, é motivador para a construção de uma nação que viva e pratique o respeito, como também divulgue os aspectos acerca de sua cultura e história; quando são realizadas atividades em que se objetive apresentar e reconhecer a participação dos africanos e seus descendentes na organização do país. Em meio a isso, compreende-se o grande papel da Escola na formação dos cidadãos, principalmente àqueles descendentes, de forma que não se sintam obrigados, quando atuando em sociedade, a negar seu pertencimento étnico-racial.

Outro fator interessante a levantar, diante da oportunidade em se estudar as questões afro-brasileiras e africanas, nas escolas, é de trabalhar, também, questões políticas, ter a oportunidade de se questionar as rotulações eurocêntricas que quase sempre estão a postos para marginalizar, menosprezar, anular as contribuições que os africanos disponibilizaram para a humanidade; rejeitando e melhor apresentando, assim, o acesso às informações que por muitas vezes são tratadas fragmentadas e descontextualizadas de seus respectivos eventos; ações que corroboram para o acesso e desenvolvimento do conhecimento.

Nessa perspectiva, evidencia-se cada vez mais a necessidade em investir nos estudos afro-brasileiros de maneira que eles sejam capazes de servir como aportes teóricos para o



entendimento dos aspectos culturais presentes em nossa sociedade, para a formação de cidadãos observadores, atentos e que questionem quando da verificação da diversidade, o espaço para a igualdade de direitos.

Para atingir tal objetivo, coloca-se aqui uma literatura de valor afro-brasileiro que, em meio a sua completa linguagem subjetiva, pela literariedade, atue como um recurso em sala de aula a conquistar adeptos à causa e agir como instrumento de atualização de conceitos e mudança de comportamento.

De fato, se bem for analisar, apossa-se dessa literatura, através de um olhar crítico, já encaminha cada um a uma mudança de paradigmas, uma vez que, proporcionará espaços e será dada a voz a quem pertence de direito. O que se pretende aqui é deslocar a visão do colonizador e com isso proporcionar um espaço livre de marcas pejorativas formadas ao longo da história do país. Para se ter uma ideia, segundo Duarte (2014), é a partir da década de 70 que os escritores negros reúnem-se para construir um espaço literário organizado em combater o racismo e afirmar os valores, excluídos, de caráter cultural e histórico. Por parte de iniciativas como essa, que se identifica o lugar para uma Literatura feita por afrodescendentes brasileiros; ação oportuna para verdadeiramente desmistificar o que por muito tempo, de maneira equivocada, vem se falando sobre a imagem do negro.

Contudo, o que se entende, em meio a tal condição, que mesmo a literatura sendo um lugar para a expressão da criatividade, de liberdade de expressão, o que é identificado nas obras que tratam ou que possuam elementos da cultura negra, em seus respectivos enredo, é que o que impera, ainda, sobre o olhar e comportamento que visa o negro como escravo, marginalizado e excluído; fato esse repetido em diversos textos literários de maneira estereotipada, ultrapassando gerações. Na verdade, por conta do processo de formação do país, isso é identificado em virtude da função e imagem que foram impostas por meio dos mandos e desmandos europeus.

Diante desse impasse, retorna a questão da literatura como instrumento de trabalho de resgate à temática e sobre a postura do autor/poeta diante desse movimento etnocêntrico



responsável por inferiorizar o negro. Acerca da possibilidade de se levar adiante a temática sobre o Negro, o pesquisador Duarte (2011, p. 5) considera que nem sempre há o espaço para tal voz, por ela,

falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar sua voz contra a barbárie do cativo; ou já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordanças.

Dessa forma, a figura do negro, ou mesmo uma temática relacionada a ele gira sempre em torno de questões marginalizadas e/ou pejorativas; entra num senso comum. Contudo, na literatura, em especial a canônica, encontra-se “o negro não só como raro tema da escrita do branco, mas com voz/vozes voltadas para a expressão de seu ser e existir” (DUARTE, 2011, p. 05); o que possibilita perceber que, mesmo mediado por uma ação e seus atores do contexto do homem branco, há a oportunidade de se tratar sobre a temática.

Seria então, o momento de se pensar em uma literatura que permeie a cultura afrodescendente, de maneira que ela tenha e disponibilize um espaço oportuno para divulgar e provocar a reflexão acerca de sua existência e condição entre o hoje e o passado, pois “mesmo depois da Abolição, a cor escura continuou em muitas instâncias da vida social brasileira a ser encarada como “defeito”.” (DUARTE, 2011, p. 16).

Para esse autor, por meio da literatura, o interessante é melhor identificar e ampliar o conceito acerca de afrodescendência, que parte de maneira bem mais ampla sobre o fato da construção de identidades e que passa pela questão de proporcionar aos textos um momento ideal para a reflexão dos elementos identificados da cultura africana e, por consequência, relacionar o que tem dela herdada com a forma, hoje, de vida, organização e cultura afro-brasileira. Cabe, assim, pensar na formação de uma “identidade cultural” (GOMES, 2008, p. 4), que para o autor, nela estão fatores relacionados à modernidade que vão interferir para o deslocamento da identidade da resistência.



É nesse contexto que se justifica levar a literatura, com elementos da cultura africana, aos bancos escolares da Educação Básica do Brasil. Na ocasião, haverá uma descentralização ao que no campo dos estudos de leitura literária costumeiramente vem sendo trabalhado. Em seguida, ocorre uma inclusão de novos textos, momento de intertextualidades culturais, tomados por vozes que propagam os anseios da lei e seus protagonistas; uma vez que haverá o espaço para verdadeiramente falar sobre “literatura afro-brasileira”.

Na oportunidade usamos essa terminologia trabalhada a partir de Zilá Bernd e Eduardo de Assis Duarte, por melhor entendem que a origem do autor a ser lido faz toda diferença para apontar o encaminhamento para uma recepção do texto literário de maneira mais crítica.

Bernd (1987, p. 16) considera haver no Brasil uma *Literatura Negra* que se opõe a um ato literário que traz apenas a temática do negro. Para ela, aquela literatura é reconhecida como tal por trazer um “eu enunciador que se quer ser negro, que reivindica a sua especificidade *negra*”. Dessa forma, a partir das considerações da autora, são considerados como *Literatura Negra* todos os textos em que for claro perceber um modo negro de se ver o mundo, ou seja, quando os escritores, por meio de fatores históricos denotam em seus textos essa consciência, uma voz enunciativa do pertencimento à cultura afro, um discurso de identidade.

Já Duarte (2014) trabalha com o conceito de *Literatura Afro – brasileira* e amplia esse debate quando considera que o seu reconhecimento deve perpassar por quatro aspectos: Temática que compreende a incorporação da experiência da figura do negro ao texto literário; Autoria, o negro é o sujeito de sua enunciação, colocando sua maneira de ver, sentir e entender o mundo; Ponto de vista em que se percebe a relação e influência da história e tradição negras e, por fim a Linguagem que está baseada em um discurso específico, apresentado por marcas que remetem a heranças de aspecto linguístico e da cultura africana.

Fala-se aqui de uma literatura de cor, feita por um “escritor negro brasileiro” (DUARTE, 2015, p. 11). Assim, segundo o autor, o termo afro agrega maior valor para conduzir a discussão do tema, por possuir maior propriedade, seja no aspecto da ficção, como na poesia. Sobre essa questão, o pesquisador ainda faz considerações acerca do modo peculiar da linguagem colaborar para a divulgação da referida cultura e pontua que,

Tal perspectiva permite escrever o negro de modo distinto daquele predominante na literatura brasileira canônica. E a configuração dessa diferença passa pelo trabalho com a linguagem, a fim de subverter imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca *dizer-se negra*, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela o projeto de ampliação do público leitor afro-brasileiro. (DUARTE, 2015, p. 11)

Diante desses conceitos o que melhor pode ser extraído é que, independente da nomenclatura, essa literatura de busca de ressignificação da cultura africana, nos ambientes escolares não deve coloca-se de fora da literatura literária nacional. O lugar a ser construído para as práticas de leitura que a envolve deve representar um contexto plural, carregado de ações afirmativas, capazes de romper com conceitos impostos de geração a geração.

2. A leitura literária afro-brasileira e a voz do leitor escolar

Falamos, na oportunidade, de se obter uma metodologia de prática de leitura que contemple as especificidades de um público moderno e que seja capaz de aliar os conteúdos programáticos de Língua Portuguesa e Literatura, aplicados em sala de aula, com as experiências, contexto e as necessidades e anseios dos alunos.

*Dessa forma, trazemos como proposta uma prática de leitura contextualizada e cultural para a obra literária *O Cortiço*, Aluísio Azevedo, para ser aplicada entre os alunos, de forma contextualizada ao comportamento, meio em que vivem, gostos e história do leitor. Assim, um mesmo texto que se apresenta complicado e complexo por conta da linguagem, extensão e estudo estético e historiográfico, que muitas vezes é aplicado nas aulas de literatura das escolas públicas brasileiras abrirá, da maneira como será proposta*

a sua leitura, espaços para uma atividade dialógica a partir de outros textos de mesma temática e mais contemporâneos ao leitor.

Partindo dessa possibilidade, acredita-se contribuir com a formação crítica do leitor, uma vez que proporcionaremos, em meio ao próprio espaço escolar, o debate de questões muitas vezes não trabalhadas, quando assim encontram-se na superfície do texto; a exemplo das relações étnico-raciais, em especial o status do negro na sociedade, seus estereótipos em relação ao tratar da sensualidade da mulher negra ou mulata e as reais relações históricas da cultura africana para a formação da sociedade brasileira.

Com a aplicação da referida abordagem de leitura literária, em sala de aula, espera-se formar leitores críticos, conscientes de seu papel na sociedade e dessa forma, valorizadores de sua cultura e etnia. Ao proporcionar o debate de temas que estereotipam e denigrem o ser humano, a partir de leitura de textos literários, a exemplo de *O Cortiço*, colocaremos em pauta a desmistificação de determinados conceitos, impostos em nossa sociedade, ao longo de nossa história. Portanto, estará sendo oportunizada uma proposta de ação baseada numa pedagogia que explore e valorize o texto literário em sala de aula e o conhecimento de mundo do leitor.

No romance *O Cortiço*, verificamos que o escritor abolicionista Aluísio de Azevedo também utiliza determinados estereótipos incumbidos à raça negra, o que podemos interpretar como uma crítica ou uma forma de demonstrar o nacionalismo, para a ocasião de sua época e sua história de vida. Portanto, aqui, diante do procedimento de leitura adotado em sala de aula, abre-se o espaço para o confronto entre o que há de literário e os dias atuais; de maneira a suscitar entre os leitores a formação de um ponto- de- vista acerca do estado da condição do negro, identificado hoje, no meio social.

Contudo, não podemos deixar de salientar que o autor pertencente à estética Naturalista, que se utiliza de conceitos oriundos dos estudos de Charles Darwin, o qual trata, dentre outros pontos, sobre uma teoria que afirma a existência de uma raça superior e inferior, que na oportunidade entendemos como a branca e negra. Dessa forma, pela leitura



da obra, percebemos que o autor não se ocultou em realizar uma observação racista de suas personagens. Por isso, ao longo da narrativa é fácil perceber algumas representações de homens e mulheres negros que se mantêm até hoje: a mulher negra é trabalhadora e explorada, a mulata é assanhada e o homem negro um ser vadio e perigoso.

Com relação às personagens, no encontro com toda a narrativa da obra e questão, e já exemplificando o que foi discutido aqui, anteriormente, verificamos a personagem Bertoleza. Mulher negra e escrava, representante de uma sociedade escravocrata em processo de abolição e que, por conseguinte, é associada à vulnerabilidade social, pois mesmo estando supostamente “forra”, ou pelo menos comunicada que está, continua trabalhando como uma escrava e sendo submissa ao seu companheiro João Romão, o qual ela denuncia gratidão e amor. Observando a frase “O vendeiro nunca tivera tanta mobília” (AZEVEDO, 1984, p.25), notamos a formação da consciência dela acerca de sua participação na vida de Romão para que ele pudesse adquirir posses e enriquecer. Ao perceber que é rejeitada e que não teve sua alforria comprada, conforme certa passagem que ele oferece a ela essa ajuda, surge, nesse momento, a sensação e o desejo para o senso de justiça e apresentação da baixa autoestima da personagem, em relação ao se colocar como negra e que mesmo em condições diferenciadas de um processo de escravidão, o olhar dela volta-se para a representação do que é o negro para a sociedade; quando esteve em conversa com João Romão:

_ Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e ma atira à toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! [...] [...] “Você é fino, mas eu também sou! [...]” “_Ora essa !Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero o meu regalo, como você quer o seu! [...]” “_Ah! agora não me enxergo! Agora eu não presto para nada! Porém quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e agüentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia para um tudo; Agora não presta para mais nada , e atira-se com ela no monturo do cisco! [...] (AZEVEDO, 1984, p. 197).

Diante do resgate iminente da polícia por ser considerada uma escrava fugida, Bertoleza não vê outra saída a não ser cometer o suicídio. Ela, sendo negra, representa na sociedade uma condição inferior e para enfatizar sua condição o autor sempre faz questão



de apresentá-la sob um olhar negativo e ater sua descrição de maneira deprimente ao usar palavras como: suja, fedorenta, feia; denotando que ela seja um animal, submissa, ignorante e sem emoções.

Contudo, é interessante notar que outras personagens negras, no texto de Azevedo, a exemplo das lavadeiras e a raia miúda, também são colocadas como tais seres inferiores e não dignos de uma melhor condição, por isso habitam em um cortiço, amontoados e sem perspectivas, ou melhor sorte; afinal são negros.

Entretanto, contrariando ao que vemos relatado e sugerido a essa classe, encontramos outra personagem, de origem afrodescendente, que ocupa o papel de ser o símbolo da personalidade e nacionalidade brasileira; a mulata Rita Baiana. Se pelo texto *O Cortiço*, Aluísio Azevedo tem a intenção de divulgar os costumes populares da cultura negra, vimos que é essa personagem a guardiã de tal responsabilidade, seguida da música (tratada pelo seu namorado Firmo), a dança, a comida e a bebida (o café e o parati) que encontram os pontos positivos da referida cultura e dignos de apreciação pelo branco, pois é em contato somente com esses elementos que notamos a presença e envolvimento com o branco.

Em sala de aula, surge um ponto máximo para o mediador dessa leitura chamar a realidade do aluno para confrontar, dialogar com o que há descrito no texto; atualizando a leitura para a realidade do leitor, motivando-o. Ao chamar a atenção para a forma como se representam as festas, artesanato e culinárias de origem africana, nos deparamos com o envolvimento e aceitação da relação entre negro x branco, sem qualquer sensação de preconceito; talvez por saber que são ações únicas e exclusivas dos afrodescendentes. Aqui, percebe-se que a leitura literária tem um grande papel para a formação de consciências.

Ao ser porta-voz de expressiva e rica cultura, Rita Baiana é descrita como sendo detentora de inúmeras qualidades e deixando bem claro que ela é uma mulher livre, bela, asseada, perfumada, alegre, independente, solidária, querida por todos do cortiço, tem bons sentimentos, sabe cantar e dançar. Por ser dona da naturalidade baiana, a ela é conferido o



status da mais sensual, porém rebelde por não aceitar e seguir regras e por isso possui voz própria na narrativa. Observe como é descrita a mulata,

Rita havia parado em meio do pátio.

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (AZEVEDO, 1984. p. 68- 72).

Sobre essa questão, chega-se à conclusão de que a visão atribuída hoje à mulher afrodescendente é um resquício de nossa história, do processo de organização do país o qual Aluísio de Azevedo bem marca e deixa “espaço abertos” em seu texto para o leitor relembrar desse fato e assim refletir sobre a condição do negro na sociedade, em especial a construção da imagem da mulher negra e da mulher mulata, fato que também faz perpassar em outros textos da história da literatura brasileira, como bem coloca Eduardo de Assis Duarte,

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores (DUARTE, 2010, p. 24).

A figura do negro em nossa sociedade, hoje, é oriunda de uma construção histórica. A questão de ver a mulata para saciar vontades é tida como tão natural, já que facilmente identificamos em uma ou outra leitora, da referida obra literária, a identificação com a personalidade e comportamento de Rita Baiana. No enredo, a partir de sua sensualidade, consegue despertar o desejo de todos os homens, principalmente de um europeu, Jerônimo, que por ser de nacionalidade diferente dos que habitam o cortiço, coloca-se como especial e merecedor do amor da mulata, pois ela sim, segundo o próprio, sabe tratar um homem



como deve ser, em detrimento ao tratamento de sua esposa, de nacionalidade também portuguesa, que bem apenas está limitada a cuidar do lar e ser a acolhedora da família, afinal ela é branca.

É interessante colocar, também, que essa visão sexualizada da mulher negra não é nenhuma novidade ao texto de Azevedo. Ao longo da história da literatura brasileira tal questão já foi identificada, na qual é sempre atribuído e narrado que às personagens negras o sinônimo delas é de um corpo disponível, principalmente as mulatas, um ser sedutor sem direito à razão, sentimentos ou alguma forma de sensibilidade e desejo de formação de uma família. Segundo Duarte, “a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier* fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz” (DUARTE, 2010, p. 24), e assim, cabe a ela apenas está a serviço do prazer do homem branco, europeu.

Contudo, a personagem não está isenta de um tratar negativo. Para alguns, na ocasião às mulheres brancas, principalmente à esposa, portuguesa, de Jerônimo, D. Piedade; a mulata é vista como uma pessoa imoral, infiel, irresponsável, preguiçosa, de comportamento malicioso e pervertido, dominado pelo desejo e estímulos sensoriais. Fato que não a exclui de ser inferiorizada.

Outras personagens que no texto também possuem uma apresentação diferenciada seriam as criadas de Miranda: Isaura e Leonor. Contudo, são colocadas como “diferentes” por conta da etnia a que pertencem. A criada Isaura é uma mulata, moça e tola; já a negra Leonor é “lisa e seca”, tem carapinha e conhece a vasta “tecnologia da obscenidade”. Porém, as personagens Marciana e sua filha Florinda já se apresentam com as mesmas características de Rita: a mãe é uma mulata respeitável e sua filha uma morena bonita, cobiçada por seus atributos físicos e virgindade.

Com relação ao mulato Firmo, temos a representação do malandro carioca, o que também pode ser considerado como um símbolo nacionalista. Sobre seu respeito, temos uma mistura de um posicionamento positivo, como negativo acerca de sua personalidade,



pois em meio a um capoeirista, forte, encontra-se um homem mulhengo, cachaceiro, preguiçoso, esperto, sedutor e vadio. Mulato, assim como Rita Baiana ostenta a responsabilidade de corresponder a uma marca nacional e divulgar, também, dois aspectos fortes da cultura popular africana: o samba e a capoeira.

Ademais, outras personagens, tratadas ao longo da trama também nos remetem para a percepção de que em toda obra há a tendência para o debate acerca da condição do negro na sociedade, justificada pelas teorias científicas e deterministas, vigente para a estética em questão. Portanto, tal análise nos encaminha a crer que a diversidade racial, identificada na obra de Aluísio Azevedo, é muito fortemente apresentada de maneira estereotipada e tendenciada pelas teorias vigentes no seu século; carregada de marcas preconceituosas que, infelizmente, convergem para que nos dias atuais contribuam para a existência do racismo; mesmo ele venha a ser divulgado nos mais variados meios de formação de opinião, na nossa cultura e sociedade: novelas, filmes, literatura, livros didáticos etc.

Diante do que foi apresentado, verifica-se que a leitura do romance na escola pode ser realizada por meio do método de leitura cultural, Gomes (2014) que nos provoca a interpretar os textos de maneira renovada, por meio da comparação intertextualizada e a análise da identidade do leitor, partindo do texto até as tensões do dia-a-dia, que conseqüentemente remeterá a percepção do texto através de um debate acerca do comportamento reconhecido diante do texto lido. Aproveitamos a oportunidade para mediar esse processo por meio da utilização das TDIC; acreditando ser essa uma forma para atrair o leitor ao ato de ler.

Portanto, de forma a ser possível desenvolver uma ação significativa com a leitura da obra *O Cortiço*, faz-se necessário, ainda, convidar o leitor a fazer a leitura de outros textos de temática similar, na intenção de despertar a criticidade acerca da condição do negro em nossa sociedade e então gerar o sentimento de pertencimento às raízes africanas. Assim, conduziremos a análise do texto de Aluísio Azevedo de maneira prática, contextualizada e associada às questões de pertencimento da cultura negra e afrodescendente.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado ao longo do artigo, o que se pode compreender é que o aluno, a partir do momento que é melhor instruído a lidar com essas questões relacionadas a sua formação e identidade, pela realização de atividades que envolvam a leitura literária, passe a questionar o que se teve até hoje da representação do negro na literatura, elaborada em meio a um sistema de valores impostos por grupos detentores de um poder cultural pleno e que realiza a exclusão da cultura e história daqueles menores.

A Educação ao privilegiar a Literatura Negra Brasileira passa assumir um papel político-ideológico para confirmar a existência da pluralidade cultural no Brasil. Entretanto, Freire e Macedo (1990) consideram que a formação da consciência leitora, trabalhada na oportunidade em sala de aula, assume um papel de busca da verdade e resistência ao preconceito e discriminação. Nesse caso, ter um professor para mediar tal comportamento, que abra portas para novas descobertas, que traga novas metodologias de atuação docente, que esteja atualizado com ferramentas que dinamizam o aprendizado é situação quase que *sine quo non*.

Portanto, para melhor dinamizar o processo de ensino – aprendizagem, dentro dessa perspectiva de resgate, para o aluno deve ser oportunizado o contato com variados textos que tragam a problemática de significados historicamente apresentados; a exemplo da sexualidade da mulher mulata, o negro visto como operário forte, o trabalho doméstico e escravo limitado à negras etc. Sobre esse aspecto, Gomes (2008, p. 49) considera que, numa perspectiva de uma leitura social, “no plano da expressão, o estudo da cultura, da arte e da literatura relaciona os sistemas de signos de um contexto ao conteúdo da obra, já que o que está fora do texto é também uma parte significativa do texto graficamente fixado.”

Nesse espaço, ao levantar esse debate observa-se que é contemplado o que é sugerido pelo Conselho Nacional de Educação, quando o mesmo traz o debate para a inclusão da



possibilidade de estudar a Cultura Afro de maneira reflexiva e com base na visão do pertencimento de uma identidade em especial e responsável pela organização, como um todo, do país. Portanto, na oportunidade, verifica o quanto a literatura pode contribuir com esse trabalho, se a ela for oportunizada, também, com uma perspectiva diferenciada e voltada para a minimização das diferenças, sem se evidenciar uma ou outra raça; apresentando-se coerentemente para desmistificar conceitos elaborados ao longo do tempo e então proporcionar, entre os atores do evento, um pertencimento étnico afrodescendente.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1984.

BERND, Zilá. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Lei 10639/2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que **estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20 maio 2015.

DUARTE, E. A. **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala. 2010.

DUARTE, E. A. **Literatura e afrodescendência no Brasil** – antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira um conceito em construção**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/afrodescendenciaseduardo.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de literatura e cultura do resgate à violência doméstica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

